CORPOS-BIXAS, TERRITÓRIOS-BIXAS, AFETOS-BIXAS...E O QUE HÁ DE BIXA POR VIR NA GEOGRAFIA?

FAGGOT-BODIES, FAGGOT-TERRITORIES, FAGGOT-AFFECTIONS… AND WHAT ELSE IS TO COME IN GEOGRAPHY?

CUERPOS-MARICAS, TERRITORIOS-MARICAS, AFECTOS-MARICAS… ¿Y QUÉ HAY DE POR VENIR EN GEOGRAFÍA?

Vitor Dantas Siqueira Pequeno
victorpequenogeo@gmail.com
Doutorando em Geografia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR/PPGGEO)

Recebido para publicação em 17/04/2026
Aceito para publicação em 14/09/2026

Resumo:
Elaborei este manuscrito com a intenção de propor Bixarias. Bixarias é a formulação conceitual que atribuo às estratégias e táticas de disputa, apropriação e ressignificação de territórios por parte de subjetividades dissidentes das normas de gênero, sexualidade e raça. Em termos de questão-problema, esforcei-me para evidenciar o protagonismo das Geografias Feministas e das Geografias Negras na criação de um arsenal teórico e metodológico potente o suficiente para enfrentar e superar as restrições espaciais e conceituais que, noutro tempo, negaram a agência das Bixas. O objetivo, portanto, consiste em expandir a noção de identidade 'Bixa' e torná-la um modo (conceitual) de pensar e agir geograficamente nas relações desiguais de produção e reprodução imbricadas nas diferenças sexuais, raciais, de classe etc. Como esta é uma pesquisa qualitativa e teórica, combinei o levantamento bibliográfico (de artigos, teses e dissertações) com minhas experiências político-pessoais para, assim, fundar uma escrita orgânica. Ao final, defendo que, fazer territórios, no caso das experiências Bixas, exige antes uma Re-Territorialização de si para superar a outridade previamente imposta, para então, tornar-se sujeito/a.

Palavras-chave: Geografia Corporificada, Gênero, Raça, Sexualidade, Bixa.

Este trabalho está licenciado com https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/

Abstract:
I wrote this manuscript with the intention of proposing Bixarias. 'Bixaria' is the conceptual formulation that I give to the strategies and tactics of dispute, appropriation and re-signification of territories by subjectivities that dissident from the norms of gender, sexuality and race. In terms of the problem-question, I have endeavored to highlight the protagonism of Feminist Geographies and Black Geographies in creating a theoretical and methodological arsenal powerful enough to confront and overcome the spatial and conceptual restrictions that, in the past, denied the agency of Bixas. The objective, therefore, is to expand the notion of 'Bixa' identity and make it a (conceptual) way of thinking about and acting upon, in geographical terms, the unequal relations of production and reproduction intertwined with differences of sex, race, class, etc. As this is a qualitative and theoretical study, I have combined a review of literature (comprising articles, theses and dissertations) with my own personal political experiences in order to develop an organic style of writing. In the end, I defend that, in the case of Bixas experiences, making territories requires first a re-territorialization of the self in order to overcome the otherness previously imposed, and then to become a subject.

Keywords: Embodied Geography, Gender, Race, Sexuality, Faggot.

Resumen:
He elaborado este manuscrito con la intención de proponer Bixarias. 'Bixaria' es la formulación conceptual que le atribuyo a las estrategias y tácticas de disputa, apropiación y resignificación de territorios por parte de subjetividades disidentes de las normas de género, sexualidad y raza. En términos de problemática, me he esforzado por poner de relieve el protagonismo de las Geografías Feministas y las Geografías Negras en la creación de un arsenal teórico-metodológico lo suficientemente potente como para enfrentar y superar las restricciones espaciales y conceptuales que, en otro tiempo, negaron la agencia de las Bixas. El objetivo, por lo tanto, consiste en ampliar la noción de identidad 'Bixa' y convertirla en una forma (conceptual) de pensar y actuar geográficamente en las relaciones desiguales de producción y reproducción entrelazadas con las diferencias sexuales, raciales, de clase, etc. Dado que se trata de una investigación cualitativa y teórica, combiné la revisión bibliográfica (de artículos, tesis y disertaciones) con mis experiencias políticas-personales para, de esta manera, dar lugar a una escritura orgánica. Al final, defiendo que, en el caso de las experiencias Bixas, la creación de territorios exige antes una re-territorialización de sí mismo para superar la otredad previamente impuesta y convertirse así en sujeto.

Palabras-clave: Geografía Encarnada, Género, Raza, Sexualidade, Marica.

Introdução

[...] aqui eu não sou a "Outra", mas sim eu própria. Não sou o objeto, mas o sujeito.
Grada Kilomba

Bixa: Sujeito. Bixa: Eu. O que há de Bixa por vir na Geografia?

Esta é a pergunta que me faço diariamente. Não somente. Também me inquieto ao refletir: Quão Bixa eu sou e quão Bixa ainda posso ser? Bixa-pesquisador? Bixa-geógrafo? Quais seriam os efeitos caso assim me apresentasse? O que já foi dito sobre Bixas? E o que as Bixas já disseram? Com quais Bixas fazer aliança? Com quais Bixas fazer Geografias? Com Bixas-Universitárias/os? Bixas-feministas? Bixas-Artistas? Bixas-Educadoras/es? Bixas-Homens? Bixas-Mulheres? Bixas-Travestis? Bixas-Pretas? Todas as Bixas?

Farei com que este manuscrito me auxilie (também a ti, caso assim deseje) na resolução de tais questionamentos. Para isso, a escrita *aqui* é exercitada para ritualizar aquilo que estou chamando de **Bixarias**. Bixarias é a formulação conceitual que atribuo às estratégias e táticas de disputa, apropriação e ressignificação de territórios por parte de subjetividades dissidentes das normas de gênero, raça e sexualidade. Bixarias corporificadas. Bixarias territorializadas. Bixarias afetivas. Bixarias politizadas. E, sobretudo, bixarias historicamente situadas.

O objetivo, portanto, consiste em expandir a noção de identidade 'Bixa' e torná-la um modo conceitual de pensar e agir geograficamente nas relações desiguais de produção e reprodução imbricadas nas diferenças sexuais, raciais, de classe etc.

Tendo isso em vista, nomeei a Bixa em maiúsculo e hifenizada (Bixa-Preta, por exemplo) como gesto de recusa ao pejorativo e, principalmente, para expressar a identidade política que se realiza

na sua/nossa existência e os marcadores (de gênero, raça, sexualidade, classe, de origem etc.) constituintes da mesma. Ademais, quando na leitura *você* encontrar com o termo "Corpo" saiba que estou me referindo a especificidade material, o corpo como se apresenta ou é (re)apresentado, e ao se deparar com o termo "Corporeidade", saiba que estou utilizando-o para fazer referência ao corpo em situação, ou seja, o corpo sendo, agindo…no espaço.

Para a feitura deste manuscrito, eu decidi combinar dois percursos metodológicos. O primeiro se refere a um levantamento bibliográfico a saber, de artigos, teses e dissertações que tenho acumulado na minha biblioteca digital de uso pessoal desde que ingressei no mestrado, em março de 2023, e que, mesmo agora no doutorado, sigo alimentando diariamente com novas produções.

Considero isso como uma prática de escavação intelectual, estimulada pela minha curiosidade e vontade de aprofundar ainda mais meus conhecimentos no que tange às questões de gênero, raça e sexualidade, principalmente. Por essa razão, é imprescindível resgatar, melhor, trazer para a superfície visível, aquelas e aqueles outrora soterrados de modo sistemático e arbitrário por uma racionalidade colonial e androcêntrica.

Isto registrado, para a construção dos argumentos do presente manuscrito, me ative a fontes como SciELO, REDALYC, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Google Acadêmico. Em cada uma destas eu fiz uso do recurso de "Busca avançada", para filtragem de palavras-chave e títulos das produções. Num primeiro momento, a busca foi feita com as palavras-chave "Bixa" e "Bicha". Em seguida, refinei este agrupamento de produções com as palavras-chave "Bixa-Preta", "Bicha Preta", "Travesti", "Gay", "Corpo" e "Território", nas áreas de Geografia, Educação,

Antropologia, Artes, Letras e Estudos Feministas. Essa etapa de busca e refinamento foi realizada entre novembro e dezembro de 2025.

Por se tratar de uma pesquisa com caráter qualitativo e teórico, e para fazer jus aos princípios de uma escrita corporificada, encarnada e uma reflexividade crítica, mobilizei os referentes conceituais na minha própria experiência mediada pelos marcadores de identidade, de poder e diferença que *aqui* problematizo: gênero, raça, sexualidade e classe. Esta consistiu no segundo percurso metodológico realizado.

O que quero dizer é que, o modo como escrevo, o tom da minha escrita e a maneira pela qual decido argumentar, está profundamente relacionada com as perspectivas geográficas com as quais me engajo diariamente. Sou aliado das Geografias Feministas e das Geografias Negras, e isto significa que reflito e escrevo desde um ponto de vista generificado, sexual e racialmente autodefinido. Encarnado, se preferir.

À minha maneira, pratico a posicionalidade e a reflexividade feminista (Milani, 2021; Przybysz; Silva, 2019), isto é, produzo um conhecimento situado, parcial e condicionado às circunstâncias espaciais, históricas e culturais nas quais, atualmente, me encontro. A autoria em primeira pessoa, neste sentido, não traduz uma preferência estilística; expressa, antes, um acúmulo teórico e uma ética científica com um lastro epistemológico coerente com a proposta da pesquisa.

Também estou ciente de que a forma da minha escrita pode ser confundida e/ou valorizada como um ensaio (Larrosa, 2004), uma escrita de si (Caldas Pessoa; Mendonça; Mendonça, 2025) entre outros modelos criativos e definições que são atribuídas à escrita

acadêmica. Reconhecida a importância de tais modelos, informo que já usufruí dos fundamentos de alguns desses e demais modos de escrita em manuscritos anteriores (Pequeno, 2024a, 2024b, 2025b). Entretanto, sinto-me mais confortável em, neste momento, conceber este texto como fruto de uma escrita orgânica, tal como fez e significou Gloria Anzaldúa, uma mulher chicana, lésbica, feminista, *mestiza* e de terceiro mundo, como a própria se declarava, e com a qual tenho aprendido, nos últimos anos, a ser desobediente. Uma escrita orgânica que também é atrevida, subversiva e maculada. Uma escrita que serve, dentre tantas coisas, para "[...] confrontar nossos próprios demônios, olhá-los de frente e viver para falar sobre eles" (Anzaldúa, 2000, p. 234).

O texto foi organizado nas seguintes seções: "De um corpo situado para uma Geografia Corporificada", nesta faço uma retomada de como o corpo *entrou* na Geografia e como esta entrada resultou na gestação e insurgência de uma Geografia Corporificada oriunda de perspectivas e fundamentos feministas e antirracistas; na seção "Corpos-Bixas: o que já foi dito? E o que a Geografia tem a dizer?", sugiro a Bixa como uma corporeidade múltipla, diaspórica e fenômeno autodefinido; na seção "Territórios-Bixas: da outridade para uma re-territorialização de si autodefinida", argumento como Bixas-Travestis e Bixas-Gays fazem e fazem-se territórios a começar pela re-territorialização de si em suas marcas constituintes (gênero, sexualidade, raça, classe, origem etc.); por fim, provoco *você*[1] com

[1] Aproveito para agradecer a você, pessoa leitora, pela sua atenção e apreciação deste manuscrito. E um agradecimento especial para os/as primeiros/as leitores/as deste texto, o trio avaliador que, de maneira cuidadosa e respeitosa, avaliou este estudo e sugeriu correções cruciais no que se refere aos fundamentos metodológicos e, principalmente, ao aprimoramento das minhas ideias para pesquisas futuras.

algumas considerações que, a meu ver, são cruciais para imaginar, inspirar e fomentar práticas e ações para uma Geografia que virá.

De um corpo situado para uma Geografia Corporificada

Na tentativa de uma categorização e periodização (para fins didáticos), é razoável afirmar que, nos últimos quinze anos, o corpo, enquanto conceito-fenômeno na agenda geográfica brasileira, tem sido pensado e teorizado pelas seguintes perspectivas: Geografia Crítica (Haesbaert, 2020; 2021); Geografia Urbana (Hissa; Nogueira, 2013; Carlos, 2014); Geografia da Religião (Costa, 2020; Caxias, 2022; Silva; Costa, 2025); Geografia Escolar (Ratts, 2018; Buch, 2019; Nascimento; Barbosa, 2023; Sousa, 2024; Lima; Silveira, 2025); Geografia Cultural (Araújo; Azoubel, 2020; Brito; Serpa, 2024; Campos; Cruz, 2024); Geografia da Saúde (Pedroso, 2019; Alves; Pedroso; Guimarães, 2019; Simon, 2025); e, com mais abrangência, nas **Geografias Negras** (Rodrigues; Ratts, 2008; Cunha, 2022; Chavão; Corrêa, 2025; Pimentel; Silva; Fernandes, 2025) e **Geografias Feministas** (Silva, 2008; Silva; Ornat, 2016; Campos; Silva; Silva, 2019; Fernandes; Pires, 2021; Oliveira, 2021; Silva; Santos, 2021).

Também estou convencido de que, a respeito das experiências dissidentes das normas de gênero e sexualidades, há, sem dúvidas, um protagonismo das geógrafas feministas e geógrafos aliados. De modo que, foi com e através das Geografias Feministas que pessoas travestis e transgêneros (Silva, 2008; Silva; Ornat, 2010), gays (Costa, 2010; Silva, 2010), lésbicas (Lenzi; Silva, 2018) e bissexuais (Souza; Ornat, 2022) legitimaram suas condições de sujeitos de conhecimento na Geografia brasileira. Mais que isso. Sujeitos transformadores/as do/no espaço geográfico.

Isto registrado, é reconhecida nacional e internacionalmente as trajetórias de coletivos como o Grupo de Estudos Territoriais (GETE/CNPq) sob coordenação da Profa. Dra. Joseli Silva, o Laboratório de Espacialidades Urbanas (LabEU/CNPq) sob coordenação do Prof. Dr. Benhur Costa, e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero (GEPGÊNERO/CNPq) sob coordenação da Profa. Dra. Maria das Graças Nascimento Silva. A atuação destes, desde o início dos anos 2000, tem sido definida e celebrada com pesquisas que versam sobre feminilidades, travestilidades, masculinidades, violência urbana e rural de gênero, relações de trabalho e assimetrias de gênero e educação para diversidade sexual.

Foi também com as Geografias Feministas que o questionamento dos modos de saber-fazer ciência foi trazido à tona, com um enfrentamento direto aos poderosos universitários que avaliam o que é, e o que não é importante para a Geografia. Assim, de nossa parte, questionamos os regimes de verdade (Silva, 2008) que orientam a ciência geográfica e hierarquizam os conhecimentos originados na mesma. Sugerimos a desnaturalização daquilo que se proclama como Geografia como G maiúsculo e no singular, bem como a desnaturalização do fazer geográfico imparcial e objetivista.

> Produzir pesquisas feministas implica um profundo processo reflexivo e crítico, trazendo para o centro da prática científica a dimensão política do saber, seus tensionamentos e paradoxos. Mas acima de tudo, **as pesquisas feministas estão comprometidas com o desmantelamento de poderes que mantém os privilégios epistêmicos e que retira autonomia de certos grupos sociais que fogem à ordem estabelecida no campo científico**. Enfim, desobediência epistemológica, subversão de poderes e transparência na produção dos dados de pesquisa são ações que pesquisadoras(es) levam

> em conta para produzir uma ciência comprometida com transformações sociais (Przybysz; Silva, 2019, p. 61, grifos meus).

Nessa mesma perspectiva, as Geografias Negras também têm mobilizado conhecimentos, práticas e propostas que interrogam o desprestígio de saberes e fazeres de sujeitos racializados/as, bem como culturas, tradições, linguagens e artes herdadas de seus passados afro-indígenas marcados pela ferida colonial (Guimarães, 2020). Não somente. Têm interrogado sobre a autoridade racial não marcada que define e diferencia, na Geografia, o que é conhecimento científico e o que é crença, folclore, mito etc. (Ratts, 2020). Autoridade esta que, historicamente, tem se apresentado como a pessoa salvadora da raça miserável, mesma raça que, "coincidentemente", é desapossada de seus saberes e conhecimentos ao receber a alcunha "população estudada", por exemplo. Geografias Negras que criticam, portanto, a redução geográfica do corpo racializado como objeto e a negação do negro/a enquanto agente espacial. Por tudo isso, as Geografias Negras:

> [...] não se trata exclusivamente de uma "Geografia sobre o negro", e sim de uma perspectiva que compreende a raça e a negritude enquanto construções sociais que regulam e condicionam relações em sociedade e, consequentemente, dinâmicas socioespaciais. Nesse sentido, o que está no escopo dessas perspectivas é **uma provocação à ciência geográfica para que a questão racial e a negritude sejam incorporadas como horizontes interpretativos na disciplina** [...] (Cirqueira; Santos, 2023, p. 23, grifos meus).

Ambas, Geografias Feministas e Geografias Negras, por fim, reivindicam e fomentam um saber-fazer geográfico, reafirmando um compromisso ético-político com os corpos marcados que, mesmo em

condições de subalternidade, superam-nas a partir de agências de si. Corporeidades plurais, dinâmicas, parciais e, sobretudo, situadas temporal e espacialmente, dado que:

> [...] o espaço passa a ser encarado como instância de cruzamento e instabilidades, em que diferentes escalas (inclusive a corporal) e experiências sociais, culturais, políticas e econômicas ocorrem e o produzem. Isso quer dizer que o espaço, também na perspectiva feminista [e racial], não é apenas um lugar/localização de sistemas de objetos, mas uma instância da realidade em que se materializa a expressão da interseccionalidade das dimensões que compõem os corpos (Ramos; Milani, 2022, p. 14).

Geografias Corporificadas que, importante ressaltar, só foram (e só são) possíveis de serem legitimadas com a desnaturalização da imagem do geógrafo universal que se pretende amorfo e transcendente, vide suas qualidades antes não nomeadas: homem, cisgênero, branco e androcêntrico. Em outras palavras:

> A ciência geográfica hegemônica é marcada por privilégios de sexo e de raça, características que dificultaram a expressão das espacialidades dos grupos das mulheres, dos não-brancos e dos que não se encaixam na ordem heterossexual dominante [...] A razão de suas ausências no discurso geográfico deve ser entendida pela legitimação naturalizada dos discursos hegemônicos da geografia branca, masculina e heterossexual, que nega essas existências e também impede o questionamento da diversidade de saberes que compõem as sociedades e suas mais variadas espacialidades (Silva, 2009, p. 26).

O corpo, então, nas Geografias Feministas e Geografias Negras, é corpo sensível, corpo generificado, corpo sexuado, corpo racializado, corpo integrado nas relações de trabalho e de classe,

enfim, é corpo não encerrado. Consiste num corpo cultural e historicamente marcado. Corpo que realiza identidades como homem, mulher, gay, travesti, lésbica, bissexual, negro/a, branco/a, indígena, trabalhador/a, imigrante etc.

E os Corpos-Bixas?

Corpos-Bixas: o que já foi dito? E o que a Geografia tem a dizer?

Bixa é múltipla. Bixa é a mulher dissidente. Bixa é o homem dissidente. Bixa também arruína tal binarismo, quando se reconhece Travesti. Bixa é aquele/a que se declara Bixa-Preta e então cria outro sentido de negritude. Bixa que se apropria da Lésbica. Bixa que se apropria do Gay. Bixa que também subverte tais identidades sexuais globalizadas e, por vezes, normativas. Bixa é corpo híbrido, pois não se deixa ser reduzida/o a um único gênero, muito menos a uma única sexualidade. Bixa vive para desestabilizar os limites e as fronteiras de gênero, sexo, raça e sexualidade. Bixa, é isto mesmo: devir.

Eu diria que Corpos-Bixas estão em travessia para à Geografia. Isso porque, existe no Brasil, um legado de estudos com experiências de gênero e sexualidades dissidentes que articulam Feminismos com teorias *queer* e estudos críticos de/da raça e que, têm repercutido nas Geografias que se dedicam, por exemplo, às corporeidades travestis e gays que ora mais, ora menos disputam e marcam os lugares e territórios com suas bixarias.

Sendo assim, para entender os conteúdos dessas bixarias, foi necessário que eu *me aproximasse*[2] das Bixas-Travestis e Bixas-

[2] Partilho da ética e da crítica de que é urgente subverter os usos e sentidos de linguagem. Que há modos outros de dizer que *"aprendi com*". Em razão disso, evoco alguns verbos em consonância com meu posicionamento político. Porque, afinal, a linguagem é política; com a linguagem se produzem poder e hierarquias. *Aprendi* isso *com* a Grada Kilomba e a Gloria

Gays, para aprender com elas/es e o que elas/es têm feito e proposto em termos de bixarias na Universidade e para além desta. *Aproximando-me* da Bixa-Travesti Megg Rayara Oliveira (2018b), aprendi, dentre tantas coisas, que a Bixa nasce do/no discurso. Não somente. Que a Bixa carrega em si marcas de abjeção e de negação. Não somente. Que a Bixa é inadequada, ou melhor, tornaram a Bixa inadequada. Enfim, que a Bixa:

> [..] do tempo presente, adulta e consciente do seu papel social, não veio pronta para o mundo. Assim como eu, vivenciou uma infância, que acredito estava na mira dos discursos normalizadores e normatizadores [...] (Oliveira, 2018b, p. 165).

Também aprendi sobre corporeidades Bixas-Travestis ao *me aproximar* de Danillo Silva e Emily Santos (2019) que analisaram a obra e biografia da Bixa-Travesti Linn da Quebrada, musicista e atriz brasileira e, constataram que, a Bixa é um corpo em trânsito. Um corpo rasurado. Um corpo marcado pela culpa, mas que supera ao definir-se Bixa. Bixa, enfim, como um corpo-arma que opera o terrorismo de gênero. Terrorismo que a vem ser:

> [...] uma potência de ameaça performativa contra os diversos processos de exclusão aos quais [os corpos-bixas] estão submetidos, dentre eles os da ordem da visibilidade, a exclusão das possibilidades estéticas e políticas desses corpos e do que eles podem [...] (Silva; Santos, 2019, p. 3637).

Anzaldúa. "*Aproximar-me*", por exemplo, deve ser compreendido como: a maneira como eu leio as pesquisas *de* e *com* travestis e gays, pressupõe um gesto de cuidado, um estado emocional pleno em que me reconheço nas ideias desses sujeitos/as e demais intelectuais e corporeidades das quais eu me *aproximo.* Por tudo isso, também, a escrita em itálico.

Voltemos à Geografia. É razoável alegar que as travestis entraram de vez para a Geografia através dos estudos da professora-pesquisadora Joseli Silva e do professor-pesquisador Marcio Ornat (Silva, 2008; Ornat, 2010, 2012). E ao conjugar o verbo "entrar", *você* pode entender como sendo: as travestis e suas geografias colocaram em xeque os alicerces epistemológicos da tradição de pensamento geográfico brasileiro e, enfrentaram todos os tipos de olhares e negativas contra suas presenças. Quem descreve melhor este fato é a própria Joseli Silva (2020) num dos textos-manifestos mais potentes dos últimos anos, no qual ela relata as dificuldades vivenciadas e vencidas para validar seus estudos com travestis e demais grupos dissidentes e, legitimar o campo hoje conhecido como Geografias Feministas.

> Iniciei minhas primeiras pesquisas sobre gênero nos anos dois mil e abri mão de uma trajetória pessoal e profissional que poderiam ter sido menos ousadas. Obviamente paguei o preço de viver conflitos pessoais, familiares, morais e políticos para construir uma identidade como geógrafa feminista que impactou nas formas como eu via minha própria vida e a ciência [...] O isolamento das redes científicas no Brasil foi um dos elementos que gerou nossa busca por relações de trocas científicas com a comunidade de pesquisadorxs feministas, queer e decoloniais em outros países. O acolhimento gerou potência para o enfrentamento das barreiras locais e apesar das assimetrias de poder que se estabelecem nas relações entre pesquisadorxs do norte e sul global, tive a felicidade de estabelecer trocas de imenso valor intelectual e afetivo [...] (Silva, 2020, p. 185-186).

Pois bem, nas ciências humanas e sociais, as travestis se declararam como sujeitas de conhecimento em meados dos anos 2000. Momento em que, no Brasil, vivíamos a germinação das teorias *queer*, o debate público sobre diversidade sexual e transsexualidade

e suas repercussões em distintas áreas do conhecimento como, por exemplo, a Sociologia (Bento, 2009, 2012), Educação (Louro, 2007; César, 2009), Psicologia (Peres, 2002, 2012) e, ainda que atrasada, a Geografia, que passou a ser cobrada por posicionamentos relativos a tais questões, bem como se travestilizou ao se permitir ao encontro:

> [...] O encontro entre nós, as travestis e a Geografia, reconfigurou nossos posicionamentos iniciais e enriqueceu nosso modelo de análise, tensionando as relações entre pesquisadores(as), pesquisadas e a própria produção da ciência geográfica. O conhecimento científico é impossível de ser produzido segundo os critérios de pureza, neutralidade e objetividade. Pelo contrário, em nosso encontro com as travestis, além de nossos posicionamentos terem sido transformados pelo embate da teoria geográfica e os dados empíricos, nós pesquisadores(as) incorporamos também suas linguagens, paixões e formas de conceber o espaço e a sexualidade [...] (Silva; Ornat, 2010, p. 66-67).

Para travestilizar a teoria geográfica brasileira, foi necessário repensar e reformular, principalmente, a ideia/noção de gênero desde um ponto de vista espacial. Já havíamos entendido o gênero como um marcador importante nas relações de classe e trabalho (Rossini, 1993), já havíamos compreendido que as relações desiguais de produção e reprodução do espaço correspondem às assimetrias de gênero (Silva, 1998), também já havíamos concebido gênero como uma categoria de análise geográfica (Silva, 2003), era o momento, pois, de discutirmos qual concepção de gênero iríamos adotar e quais corpos generificados seriam reconhecidos pelas Geografias Feministas.

Felizmente, a definição de gênero adotada possibilitou a compreensão de que travestis, transsexuais e/ou transgêneros são experiências generificadas, bem como corporeidades histórica e

geograficamente determinadas. De igual modo: "[...] As travestis são seres que desafiam a ordem binária de organização do sexo, gênero e desejo, instituindo complexas relações espaciais [...]" (Silva, 2008, p. 3).

Quanto ao aprendizado das corporeidades bixas expressadas por homens dissidentes (não heterossexuais e transgêneros), foi necessário *aproximar-me* das Bixas-Professores, a saber, Paulo Petronilio (2020, 2022), André Filgueira (2021, 2022), do Performer-Bixa Matheus Silva (2021) e da Bixa-Arte-educadora vina di carvalho (2023).

Os dois primeiros *me viraram* do avesso. Com seus escritos fui guiado para (re)conhecer a minha própria corporeidade Bixa. Eu, assim como eles, uma Bixa-Preta. E o que vem a ser um Corpo-Bixa-Preta? Um corpo diaspórico. Que carrega em si, memórias de um passado nomeado: colonialismo e escravização (Veiga, 2018). Que tem em si, marcas que o identifica como negro/a, o *outro/a* do branco/a (Pequeno, 2026). Corpo *outro* que se movimenta por encruzilhadas (Petronilio, 2020) e, envolvido/a nestas se faz Bixa-Preta. Por tudo isso, corpo diaspórico[3].

> [...] A encruzilhada é um complexo agenciamento político, ético e estético. É o lugar da revolução não somente sexual. É a partir dessa revolução que será de fato permitida a diferença no mundo. É lá que a Bixa Preta poderá ter a liberdade de ser simplesmente o que se é. Bixa Preta não são duas palavras. Trata-se de um modo de vida, de um agenciamento, de um dispositivo complexo que, a

[3] Pela lente dos Feminismos Negros, diáspora pode ser compreendida como um conceito que reconhece e nomeia os efeitos das: "[...] experiências de pessoas que, em razão da escravidão, do colonialismo, do imperialismo e da imigração, foram forçadas a deixar sua terra natal [...]" (Collins, 2019 [1990], p. 73).

> um só tempo, desterritorializa e reterritorializa a identidade, a sexualidade, o gênero e a raça [...] (Petronilio, 2020, p. 106).

Corpo-Bixa-Preta é, também, uma corporeidade desobediente, criativa, ao mesmo tempo libidinosa e que sabe ser ardilosa/o quando quer. Atitudes e gestos herdados desde a diáspora. Em razão disso, inclusive, pode ser significado como corpo-rua, afinal:

> [...] O corpo-rua é talhado pela sagacidade propiciada pelas esquinas e encruzilhadas, que habilita o drible dos obstáculos interpostos pelo mundo [...] Cria mundos possíveis pelo riso, pela estratégia, pelo gozo e pela luta. É um tipo de ativismo encantado, praticado pelos/as/xs pretos/as/xs da diáspora, por meio da corporeidade negra (Filgueira, 2021, p. 62).

Outro aprendizado a respeito de Corpos-Bixas é que, muito mais que uma corporeidade que cria e recria identidades, Bixa é uma tática de sobrevivência e existência que recusa e contraria dispositivos e amarras institucionais, políticas e/ou culturais que tentam contê-la e enquadrá-la em tipos como "gay", "lésbica" ou "homossexual". Por isso reitero: Bixa é múltipla. Bixas. Bixas são modos de vidas:

> [...] que se criam mesmo em ambientes insalubres; corpos bichas se movem quebrando normas, ultrapassando fronteiras e cagando para as regras organizadoras de corpos. **Bichas são multidões que se reconhecem pelo olhar, pelo rebolado, pela bunda de fora e cada bicha só é possível por conta da existência de muitas bichas**. Quando me apresento como uma bicha, é para dizer que eu somos muitas (di carvalho, 2023, p. 67, grifos meus).

No caso de homens dissidentes que fazem bixarias com e na Geografia brasileira, são e devem ser reconhecidos os estudos dos geógrafos Miguel Ângelo Ribeiro, Benhur Pinós Costa e Alex Ratts. O primeiro assinalou que o espaço urbano e sua (re)produção são corpo-sexualmente definidos (Ribeiro, 2015). Melhor, que o urbano não é e nunca foi (re)produzido isoladamente das relações e prazeres encarnados dissidentes (ou não). Enfim, que o prazer e o gozo são fundamentos (i)materiais das práticas urbanas, do cotidiano urbano, qual histórico e culturalmente determinado (Ribeiro, 1998).

Benhur Costa, por sua vez, observou que as corporeidades gays se realizam espacialmente pelas diferenças e nas diferenças, ao passo que, estabelecem geografias privadas e geografias públicas (Costa, 2010). Muito mais que isso. Que corporeidades gays marcam e disputam os espaços com performances, linguagens, éticas e estéticas (Costa, 2020). O que as tornam, portanto, corporeidades gays constituídas e constituintes de "[...] devires micropolíticos de expansões às multiplicidades [...]" (Costa, 2023, p. 15).

Num movimento de raciocínio semelhante, a respeito das corporeidades racializadas, Alex Ratts foi incisivo ao afirmar que: "A diferença está nos corpos e nos espaços sociais [...]" (Ratts, 2018, p. 136). Não existem corpos iguais, assim como espaços não são igualmente apropriados. Corporeidades racializadas se fazem pela/na diferença e são tornadas diferentes. Espaços racializados são produzidos na diferença e são tornados diferentes. Tudo isso, porque: "Temos em nossos corpos as marcas objetivas e subjetivas usadas ideologicamente para determinar os locais que devem ser ocupados por cada segmento social [...]" (Rodrigues; Ratts, 2008, p. 178).

Voltemos ao início. Se eu afirmei que é possível geografar bixarias com e partir de corporeidades travestis e gays, estou

convencido que tais corporeidades elaboram suas bixarias no território, bem como disputam e marcam territórios com suas bixarias. Poderíamos assim, conceber Territórios-Bixas?

Territórios-Bixas: da outridade para uma re-territorialização de si autodefinida

Aprendi com a Bixa e arte-educadora vina di carvalho que:

> [...] Todo o corpo é estimulado a **abrir-se como um território em constante expansão para a articulação das formas de ser**, necessárias à manutenção do regime de poder, por meio da economia dos afetos, a qual destina possibilidades de mobilização de si a depender dos critérios coloniais de hierarquização de corpos (di carvalho, 2023, p. 56, grifos meus).

Eu sou território. No território que sou, me faço Bixa. Homem-Bixa. No território que sou, me faço Negro. Bixa-Preta. Porque há em mim marcas do colonialismo de gênero[4] (Lugones, 2014). Porque vivo sob as consequências do dispositivo de racialidade[5] (Carneiro, 2023).

[4] De acordo com a socióloga argentina María Lugones (2014) colonialidade de gênero tem a ver com um regime que opera opressão de gênero, de classe e sexualidade imbricada na diferença racial. Logo, a crítica à colonialidade de gênero requer o trato das opressões como sendo racializadas. Opressões racializadas de gênero, classe e sexualidade sob o mando de um sistema-mundo capitalista, heterossexual e branco. Ademais, a crítica à colonialidade de gênero trata/situa o gênero como sendo uma prescrição colonial de modos e modelos normativos de ser/estar tendo como referência a diferença homem x mulher.

[5] Consiste num regime que, segundo a filósofa brasileira Sueli Carneiro (2023), legitima direitos, poderes e representações fundamentadas na diferença racial através da qual branco(a) é todo aquele(a) que não é racializado (indígenas, pretos, pardos, asiáticos etc.). Há, pois, uma dialética entre a positividade racial (brancos(as)) e a negatividade racial (não-brancos(as)) que institui e universaliza a diferença ontológica que

Porque presencio diásporas. E por isso declaro: Gênero-Território. Raça-Território. Sexualidade-Território. Corpo-Território.

> [...] O corpo negro é ***outro corpo***, lógica e historicamente deslocado de seu centro. Como suporte ativo para a identidade, é o lugar de uma batalha pela reapropriação de si do negro como uma reinvenção do ***self*** negro e de seu lugar na história. Uma reapropriação do corpo como plataforma ou base política revolucionária [...] (Pinho, 2004, p. 67, grifos do autor).

Assim como Osmundo Pinho (2004) concebe o/a negro/a como o *outro* do branco/a que, ao reinventar a si e a sua história, reterritorializa-se e deixa de ser outro para tornar-se sujeito (Kilomba, 2019), a corporeidade Bixa-Preta é um outro da raça negra porque, quando nos afirmamos Bixas-Pretas, desestabilizamos o imaginário racista fundamentado numa suposta autenticidade racial (Bibiano, 2020) que impõe a heterossexualidade como destino único para pessoas negras. Do mesmo modo, a corporeidade Bixa-Preta é um *outro* do gay branco, porque nomear-se Bixa-Preta "[...] remete a uma marginalização de todos os outros corpos 'devassos' que não se encaixam na categoria 'gay branco, de classe média' [...]" (Pagnan, 2020, p. 16).

Em textos anteriores (Pequeno, 2025a, 2026), já me dediquei no aprofundamento desta discussão, sobre as razões políticas e culturais que faz do marcador 'Bixa' denotar uma experiência de vida que é racializada, sexualmente dissidente, economicamente desfavorecida e geograficamente periférica (Brasil), ainda que sua origem histórica se encontre no francês *'Biche'* (Oliveira, 2018), tal como o 'Marica'

afirma a humanidade do Eu (branco(a)) pela desumanização do outro (racializado).

(Brasil e América Hispânica). Bixa destoa, assim, da imagem e do tipo 'Gay' criado em movimentos sociais dos Estados Unidos e que, ao longo das décadas, foi sendo apropriado por homens brancos de classe média-alta (Pagnan, 2020), pela indústria cultural e pelo capitalismo rosa (também conhecido como *'Pink Money'*), resultando num nicho global de consumo (Oliveira; Machado, 2021).

Frente a isso, inclusive, a Bixaria aponta para um horizonte outro: não tem a ver com práticas de consumo, não tem a ver com privilégios de classe, e muito menos se refere ao privilégio de raça garantido pela brancura[6]. Por fim, Bixa-Preta é um *outro* do homem negro, porque:

> [...] aciona o lugar do desvio da masculinidade negra; da selvageria da raça quando se comporta de forma escandalosa, furiosa, fazendo barraco; da transgressão sexual quando evidencia sua passividade em detrimento do seu imaginado pênis imenso, portanto, da sua ativa potência como homem preto [...] (Ribeiro, 2020, p. 131).

Assim sendo, (Re)Territorializar a subjetividade, apropriar-se de si, no nosso caso, Bixas-Pretas, não se restringe apenas à dimensão racial. (Re)Territorializar-se enquanto Corpo-Bixa-Preta demanda um enfrentamento direto com as normas de gênero e sexualidade. Para (Re)Territorializar-se Corpo-Bixa-Preta é preciso criar e fortalecer alianças com nossos/as pares, afinal, nenhuma política de afirmação se efetiva individualmente. E, mais importante, para (Re)Territorializar-se Corpo-Bixa-Preta é necessário táticas de

[6] O que não significa que pessoas racializadas que são dissidentes sexuais e periféricas não usufruam dos direitos das identidades 'Gay', 'Lésbica', 'Bissexual' etc. Afinal, as agendas políticas governamentais para a diversidade sexual reconhecem tais identidades como sujeitos de direito, como é o caso do Brasil.

disputa e apropriação dos espaços previamente construídos como interditos (Silva; Ornat, 2010) à nossa presença e circulação.

Na Geografia brasileira, Corpo-Território tem sido, nos últimos quinze anos, debatido e conceituado em várias agendas de pesquisa como Geografia Crítica (Haesbaert, 2020, 2021; Oliva; Pérez; Rocha, 2023), Ensino de Geografia (Miranda, 2018, 2021; Rocha, 2019) e, com mais ênfase nas **Geografias Negro-Indígenas** (Chaves, 2021; Cunha, 2022; Mondardo, 2022; Rodrigues; Ratts, 2008; Vedovatto; Lima-Payayá, 2025) e nas **Geografias Feministas** (Oliveira, 2021; Tavares; Oliveira, 2022; Oliva, 2022; Lima; Santos, 2024).

Para esta ocasião, são pertinentes os aprendizados que tive e tenho tido com as Geografias Feministas. Nestas, é possível que *você*, assim como eu, encontre estudos com propostas teórico-metodológicas por demais originais e criativas que nos ajudam a: territorializar o Corpo, territorializar com o (meu/seu/nosso) corpo e, com mais ousadia, fazer do corpo um território. Saber-se e fazer-se Corpo-Território.

Um gesto tão potente como este, que as geógrafas feministas e aliados têm *aprendido com* as mulheres indígenas, racializadas, periféricas e mulheres latino-americanas (Silva; Ornat, 2020). Mulheres que fomentam práticas e ações comunitárias (Sacavino, 2016; Ulloa, 2016); que rompem com as dicotomias entre humano e natureza, razão e emoção, corpo e alma (Gualda, 2016); e, principalmente, declaram que toda e qualquer política de gênero, política sexual, política racial, política de classe e econômica é (sempre) territorialmente definida (Cabnal, 2017; Zaragocin, 2023). Por isso, a efetividade do lastro Corpo-Território com suas especificidades culturais e existenciais.

> La lucha antipatriarcal de estas mujeres constituye la eliminación de todas las formas de violencia al interior de sus comunidades, pero también se extiende a todos los procesos de segregación y racialización impulsados y promulgados por parte de Estado y las estructuras de poder dominantes ligadas a la colonialidad [...] el cuerpo de las mujeres ha sido constituido como un territorio de batalla en el que se intersecan y perpetúan múltiples formas de dominación patriarcal. Esto reafirma la importancia de la defensa del cuerpo-territorio como una lucha integral que resiste a las opresiones al interior y fuera de sus comunidades (Martínez, 2025, p. 19).

Inspirado em tais práticas, estabeleço *aqui* um vínculo entre as experiências comunitárias de Corpo-Território e os Territórios-Bixas disputados, apropriados e ressignificados por travestis e gays, no intuito de defender que, respeitadas as especificidades étnico-culturais e ancestrais, a violência sexual e de gênero, bem como as assimetrias de raça e classe, comprometem também nossas corpo-territorialidades. Por esse motivo, as nossas estratégias e políticas de enfrentamento, de pertencimento e permanência, devem ser nutridas por uma perspectiva comunitária, isto é, pela comunhão de saberes e fazeres. Bixarias.

Em relação aos Territórios-Bixas-Travestis, é importante frisar, de antemão, que os primeiros territórios que as travestis disputam, de que se apropriam e ressignificam são o gênero e a sexualidade, pois assim como as Bixas-Pretas e Bixas-Gays, Bixas-Travestis desarranjam, ou melhor, provocam desordem na linearidade sexo-gênero-desejo (Silva; Ornat, 2010), em razão de:

> [...] suas expressões amorosas, afetivas, sexuais e de gêneros, que fazem delas seres singulares que nada podem ser comparados com modelos normativos dados pelo sistema sexo/ gênero/desejo, pela heteronormatividade e/ou pelo falocentrismo.

> Trata-se de seres híbridos, particulares, que expressam estilísticas marginais do desejo e, por isso, solicitam outras formas de problematizações a respeito de si mesmos, colocando em crise as teorias psicossociais existentes, bombardeando os paradigmas sociais, políticos e culturais, produzindo novas demandas, novas perguntas e novas reivindicações de direitos humanos, sexuais, políticos, culturais e de gêneros (Peres, 2012, p. 542).

A Bixa-Travesti (re)territorializa o gênero quando, por exemplo, faz uso de vestimentas, silicones, próteses, adereços e demais procedimentos de afirmação da identidade de gênero almejada. Também, a Bixa-Travesti (re)territorializa a sexualidade quando, por exemplo, realiza uma performance sexual ativa (a que penetra) mesmo assumindo uma identidade de gênero feminina. Podendo tal performance ocorrer tanto num relacionamento heteroafetivo formado pela Bixa-Travesti e um homem cis ou transgênero, ou num relacionamento homoafetivo entre uma Bixa-Travesti e uma mulher cis ou transgênero. Contudo, é importante ressaltar que nem sempre a (re)territorialização do gênero e da sexualidade pela Bixa-Travesti significa que ela irá romper com a heteronormatividade em seus relacionamentos. Pelo contrário, em alguns casos, há uma reiteração consciente ou não das convenções sociais heteronormativas (Silva; Ornat, 2010; Peres, 2012).

Foi tendo isso em vista, inclusive, que a geógrafa Joseli Silva e o geógrafo Marcio Ornat propuseram uma investigação para verificar como tais desordens de gênero e sexualidade, exercidas pelas Bixas-Travestis, redefinem as relações espaciais urbanas com intenso apelo territorial, de poder, violência, de afetividade e que são mediadas, principalmente, pela atividade prostituição.

> Os elementos componentes do território da prostituição travesti são complexos e paradoxais. A violência é componente fundamental, contudo, o território é construído também pelas afetividades, tornando-se a possibilidade de vivências e disputas que ultrapassam as concorrências puramente econômicas de locais que possibilitam maiores ou menores rendimentos financeiros (Silva; Ornat, 2010, p. 63).

Em termos de relações de poder no âmbito da prostituição, as Bixas-Travestis constituem e apropriam territórios mediante acordos e negociações entre si e com o outro que é geralmente representado pela figura/imagem do "cliente". Entre si, as relações de poder ocorrem no Território-Bixa-Travesti e são definidas pela humildade e pela hierarquia. Com o outro, o cliente, as relações de poder oscilam mediante as circunstâncias espaciais. No Território-Bixa-Travesti, é o cliente que está em submissão e à margem, entretanto, quando o programa sexual é contratado e a Bixa-Travesti se desloca do seu território, é o cliente que assume o controle da situação e ocupa o centro (Silva; Ornat, 2010).

> Em cada dimensão ou espacialidade de vivência, a travesti pode se encontrar em centro ou margem de relações. Estas plurilocalizações de travestis, entre centro e margem, podem subverter a ordem de forças entre o grupo das travestis e outros grupos. Assim, o território paradoxal da prostituição travesti, multidimensional, é potencialmente desestabilizador da configuração entre eu e outro, entre centro e margem, apreendidos como simultaneamente separados e conectados (Silva; Ornat, 2010, p. 65).

Enfim, é importante advertir que as experiências territoriais das Bixas-Travestis não são (e nunca foram) reduzidas a atividade de prostituição. Existem Bixas-Travestis disputando, apropriando e

ressignificando territórios institucionais como a Universidade e a Escola (Domingues; Kahhale, 2025; Damasceno; Frank, 2025), territórios organizacionais como o Movimento Feminista (Jesus; Alves, 2012) e o Movimento Negro (Oliveira, 2018a), territórios artísticos e midiáticos (Pagnan, 2020; Díaz-Benitez, 2025) e tantos outros. Por isso, é imperativo que a Geografia brasileira esteja atenta e engajada com estas e demais experiências Bixas-territoriais.

Quanto às bixarias criadas e exercitadas pelas corporeidades gays para disputar, apropriar-se de e ressignificar territórios e, com isso, constituir-se Território-Bixa, são-me importantes as proposições feitas pelo geógrafo Benhur Costa, vide sua trajetória de pesquisa com homens gays e homens que se relacionam afetivo-sexualmente com homens.

Partindo de uma matriz teórico-conceitual fundada em estudos acerca da identidade e representações sociais, Benhur Costa (2010; 2017) reavaliou a noção geográfica de território e territorialização tendo em vista a realidade urbana definida pela relação de diferença e alteridade entre o *eu* e o *outro*. Relação esta, que a partir de estranhamentos, produz e marca o território urbano com fronteiras visíveis ou não. Estranhamentos que entre as corporeidades, tanto favorecem a segregação, quanto possibilitam encontros. Tanto produzem exclusões, quanto possibilitam identificações.

> As características das territorializações se constroem pelos tipos estéticos e comportamentos que as pessoas estabelecem ao conviverem ali: a expressão da sexualidade, os tipos de vestimentas, o padrão estético do ambiente, o padrão social dos frequentadores, os tipos de convivência, tratamentos e posturas ao se relacionarem, as gírias e tipos de linguagens, as conversas e interesses pessoais, que definem buscas afetivas e relacionais específicas, entre outros. Essas

> territorializações intimistas, afetivas, amigáveis e, principalmente, informais, se constroem por identidades pessoais que procuram lugares onde desejos e interesses, não divulgados frequentemente, possam ser compartilhados [...] (Costa, 2010, p. 213).

No caso das corporeidades gays, o geógrafo constatou que as relações de outridade e alteridade implicam no estabelecimento de, basicamente, três tipos de territorialidades: as territorialidades de afirmação, territorialidades de negação e as territorialidades veladas (Costa, 2010). Apesar de distintas entre si em termos de conteúdos e práticas, tais territorialidades podem coexistir de modo conflituoso e/ou em harmonia, formal e/ou informal, includentes ou segregadas num mesmo cotidiano urbano. Assim:

> [...] As territorializações que negam uma identidade sexual apresentam-se, muitas vezes, como localidades apropriadas (às vezes quase imperceptivelmente, como banheiros públicos e determinados pontos de parques e praças) pela busca e atividades sexuais entre sujeitos do mesmo sexo, quase sempre não havendo relações mais intensas, como conversa, por exemplo, mas somente a relação sexual rápida. As territorializações que velam a identidade homossexual quase sempre se produzem em estabelecimentos comerciais ou eventos públicos que não se definem como gays, cujas táticas interativas giram em jogos estéticos que não e vinculam evidencialmente transgenericidade e/ou androginia nos corpos, mas a afirmação de alguns atributos masculinos e femininos condizentes com o gênero sexual (Costa, 2010, p. 217-218).

A partir disso, é razoável inferir que territorialidades gays não se realizam isoladas da realidade e das formas sociais as quais estão submetidas por questões políticas, econômicas, culturais, questões de classe e, obviamente, de gênero e sexualidade. Em outras palavras,

o cotidiano vigente, o modo como é produzido e reproduzido, fornece a substância material e imaterial das corpo-territorialidades gays. Isto porque:

> As microterritorializações regidas pelo princípio de forma contém esta dialética das desigualdades e das contradições produzidas pelos próprios processos sociais, produzidas em partes do espaço social urbano cujos regramentos são mais frouxos ou cuja força da transgressão permite e evidencia o conflito entre ordem e desordem [...] Há um conjunto de processos dialéticos neste contexto: a dialética entre formas estéticas globais e a produção e reinvenção de formas estéticas locais (presentismo); a dialética entre produção hegemônica do espaço moderno (condição do espaço social primeiro) e a microterritorialização como apropriação de transgressão (embora também parte importante das manutenções de condições hegemônicas normativas – a diferença desviante permite também o reforço dos pólos normativos) (Costa, 2017, p. 16-17).

Além da expressão estético-simbólica que fundamenta os Territórios-Bixas das corporeidades em destaque, o geógrafo Benhur Costa (2020; 2023) problematizou posteriormente, influenciado por uma matriz teórico-conceitual fenomenológica, as territorialidades homoeróticas e homoafetivas de/entre homens como sendo (sempre) constituintes e constituídas de/por apresentações e percepções de si que resultam na criação e expansão de devires-expressivos. Devires que, na interpretação do autor, confluem como platô:

> A microterritorialidade como platô acolhe uma multiplicidade de devires das pessoas que produzem suas sutis relações interpessoais. Devires de chegada (intencionalidades prévias), quando a vontade movimenta a pessoa às práticas afetivo sexuais, se microterritorializando; e devires de momento, quando as relações interpessoais ali

> estabelecidas transformam as vontades dos devires de chegada; e devires de saída, quando as ocorrências produzidas na relação de multiplicidades instáveis do platô agenciam transformações às próprias pessoalidades [...] (Costa, 2020, p. 96).

Quer seja em sua expressão estético-simbólica, quer seja constituinte de devires-expressivos, o que há de comum (e comunitário, talvez?) nas ações e práticas territoriais de Bixas é, a meu entender, o compartilhamento e agenciamento de identidades abertas à multiplicidade de sentidos, significados, prazeres, gestos, posturas etc. Melhor dizendo, a realização de si em multidões (Preciado, 2011) corpóreas, afetivas e territorialmente relacionais, porque afinal: "[...] Nunca somos os mesmos em microterritorialidades, somos possibilidades de produção de singularidades [...]" (Costa, 2023, p. 19). Resta, então, uma dúvida: O que há de Bixa por vir na Geografia?

Considerações finais

> *[...] Reconhecimento é, nesse sentido, a passagem da fantasia para a realidade – já não se trata mais da questão de como eu gostaria de ser visto/a, mas sim de quem eu sou; não mais como eu gostaria que as/os "Outras/os" fossem, mas sim quem elas/eles realmente são.*
>
> Grada Kilomba

Retomo *aqui* o objetivo que estimulou a escrita deste manuscrito: a proposição de **Bixaria**. *Você* deve ter percebido que em nenhum momento eu reduzi Bixaria a isto ou aquilo, em vez disso, tentei demonstrar e evidenciar, a partir do diálogo com as demais Bixas, os fundamentos corporais, territoriais e afetivos que devem ser considerados quando desejamos compreender as experiências

Bixas. Bixa não como uma identidade fechada, absoluta. Bixaria não como uma definição estática, mas sim, modos de subjetivação e objetivação do/no mundo que pressupõem a confluência de vínculos e parentescos, de táticas e formas de pertencimento, práticas de cuidado, políticas de produção e reprodução material, criações estéticas, performances, pedagogias e linguagens afetivas próprias. É assim que Bixarias são manifestadas.

E se estou certo em compreender a Bixaria como um modo de subjetivação e objetivação no mundo, é razoável atestar, portanto, que Bixaria torna possível a superação e a ruína da representação arbitrária (estigma). Em outras palavras, realizar-se Bixa na/pela Bixaria, é recuperar a agência de si antes reduzida a uma imagem (Ribeiro, 2020) criada num sistema que regula e opera a diferença sexual e racial desde uma política de pensamento e representação desumanizante (Carneiro, 2023).

Sendo assim, do ponto de vista geográfico, ao situarmos conceitualmente nossas Bixarias, o que queremos com isso é, por um lado, estabelecer uma crítica (encarnada) às relações desiguais de produção e reprodução do espaço imbricadas nas diferenças sexuais, raciais, de classe, de poder, de origem etc. E, por outro, declarar que é na e através da Bixaria, enquanto agência e prática espacial-política, que a Bixa se impõe.

Deparamo-nos então com a pergunta-título. O que há de Bixa por vir na Geografia? Suspeito que a Bixa possa saber. O que há de Bixa por vir na Geografia? Suspeito que a Bixa possa anunciar. O que há de Bixa por vir na Geografia? Suspeito que a Bixa possa criar.

Bixa-Travesti. Bixa-Trans. Bixa-Mulher. Bixa-Homem. Bixa-Preta. Bixa-Lésbica. Bixa-Gay. Bixa-Favelada. Bixa-Artista. Bixa-Adulta/o. Bixa-Criança. Bixa-Idosa. Bixa-Mãe. Bixa-Pai. Bixa-

Gorda/o. Bixa-PCD. Bixa-Trabalhador/a. Bixa-Latino-americana. Bixa-Território. Bixa: uma e várias. Mundos-Bixas.

Em todas estas experiências há conteúdos, sentidos e formas que ainda não foram geografadas. No meu caso, enquanto Bixa-Preta, reivindico uma Geografia brasileira ainda mais comprometida com as assimetrias raciais e de classe que incidem nas experiências espaciais de homens dissidentes. Para tanto, a Geografia deve estar atenta aos percursos que tais homens dissidentes realizam e/ou a que estão negados. Percursos rurais, urbanos, digitais, laborais, percursos de cuidado, percursos afetivos, organizacionais, religiosos e tantos outros que podem ser contemplados pelas Geografias Rurais[7], Geografias Urbanas, Geografias Digitais[8], Geografia da Saúde, Geografia do Trabalho, Geografia da Religião etc.

Surgirão destas, certamente, sentidos, significados, conteúdos e formas várias de territorialidade e territorialização Bixa. Contudo, também, é importante certificar que em tais Geografias, existem fundamentos e parâmetros teórico-metodológicos que devem ser reavaliados, reformulados e reinventados junto *com* as corporeidades e não *sobre* as corporeidades.

[7] Cabe *aqui* a menção da dissertação de Jônatas Silva (2025) na qual foi analisada a homossexualidade em trânsito, roça-cidade, com ênfase nas experiências de homens gays que vivem na zona rural do município de Jacobina, na Bahia, e diariamente se deslocam para cidade, e nesse deslocar (re)constroem suas identidades. Para o autor: "O trânsito entre esses territórios (roça e cidade), nos permite observar como as dinâmicas de controle, vigilância, liberdade e subjetivação são transformadas conforme o ambiente no qual estamos inseridos" (p. 24).

[8] A dissertação de Diego Miranda Nunes (2019) merece *aqui* ser citada por ter inaugurado, na Geografia brasileira, o debate das masculinidades dissidentes em aplicativos e/ou mídias digitais desde um ponto de vista geográfico-*queer*, e por demonstrar as potencialidades críticas do conceito de ciberespaço e cibercultura para pensarmos as concepções de desejo sexual, performances e identidades de gênero.

Neste caso, o que há de Bixa por vir tem a ver com a transformação do saber-fazer geográfico para que, em vez de perpetuar outridades sob a prerrogativa de um olhar externo, de analisar de longe e de um escrever de fora, reconheça e defenda a autonomia do outro/a para autonomear-se (Costa; Camargo, 2021) a partir de um olhar interno, de um analisar de perto, de um escrever desde dentro.

Não é o/a outro/a. É o/a sujeito/a. Não é o/a outro/a. Sou eu. E se a Geografia brasileira não se compromete com isso, com a sua transformação para estimular Bixarias, torná-la-ei Bixa então!

Agradecimento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ALVES, Natália; PEDROSO, Mateus Fachin; GUIMARÃES, Raul Borges. Corpos que falam: interpretações geográficas entre saúde, gênero e espaço. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 3, n. 41, p. 09–24, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Tradução de Édna de Marco. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, p. 229-236, 2000.

ARAÚJO, Marina; AZOUBEL, Julia Amelia Paes. Geografia e dança: transcorporalidades dos caboclos - Malhação de Judas Molekes de Mestre Bebé de Major Sales (RN). **Geograficidade**, Niterói, v. 10, p. 216-230, 2020.

BENTO, Berenice. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, Natal, v. 3, n. 4, p. 95-112, 2009.

BENTO, Berenice. Sexualidade e experiências trans: do hospital à alcova. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 17, n. 10, p. 2655-2664, 2012.

BIBIANO, Matheus. Masculinidades negras em disputa: Autenticidade racial e política de respeitabilidade na representação da homossexualidade negra masculina. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 13, p. 98–114, 2021. DOI: https://doi.org/10.9771/peri.v1i13.35671

BRITO, Marcelo Sousa; SERPA, Angelo. Corpo e corporeidade na interface entre Geografia e Teatro: propondo uma agenda de pesquisa. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v. 22, n. 2, p. 271-279, 2024.

BUCH, Cláudia. (Re)Pensando corpo e corporeidade pela performance e pela análise de discurso: efeitos de sentidos presentes no discurso discente sobre a Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 9, n. 17, p. 368-391, 2019.

CABNAL, Lorena. Tzk'at, Red de Sanadoras Ancestrales del Feminismo Comunitario desde Iximulew Guatemala. **Ecología Política**, Cuaderno Temático "Ecofeminismos y ecologías políticas feministas", Barcelona, p. 100-104, 2017.

CALDAS PESSOA, Sônia; MENDONÇA, Carlos Magno Camargos; MENDONÇA, Felipe Viero Kolinski Machado. "autohistórias": constelação intersubjetiva em escritas de si. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 23, p. 32-52, 2025. DOI: https://doi.org/10.9771/peri.v1i23.62246

CAMPOS, Carlos Eduardo Cinelli Oliveira; CRUZ, Hugo Alves. Percursos afetivos: narrações geoartísticas de corpos pedalantes. **Geografar**, Curitiba, v. 19, n. 1, p. 245-258, 2024. DOI: https://doi.org/10.5380/geografar.v19i1.93913

CAMPOS, Mayã Pólo de; SILVA, Joseli Maria; SILVA, Edson Armando. Emoção corporificada e potência para constituição de espaços de luta para superar a violência sexual sofrida por mulheres. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 3, n. 41, p. 37-50, 2019.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O poder do corpo no espaço público: o urbano como privação e o direito à cidade. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo v. 18 n. 2 p. 472-486, 2014. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2014.89588

CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade:** A construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

CAXIAS, Denise David. A territorialidade do corpo afro-indígena brasileiro: algumas considerações. **Boletim Goiano de Geografia, Goiânia**, v. 42, p. 1-23, 2022. DOI: https://doi.org/10.5216/bgg.v42.72066

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educar**, Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.

CHAVÃO, Thayná Melo; CORRÊA, Gabriel Siqueira. A Corporeidade de Mulheres Negras na Docência da Faculdade de Formação de Professores. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 16, n. 2, p. 111-137, 2025.

CHAVES, Kena Azevedo. Corpo-território, reprodução social e cosmopolítica: reflexões a partir das lutas das mulheres indígenas no Brasil. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 25, p. 51-71, 2021.

CIRQUEIRA, Diogo Marçal; SANTOS, Mariza Fernandes. Considerações sobre as Geografias das relações étnico-raciais e as Geografias Negras no Brasil. **Revista da ANPEGE**, Dourados, v. 19, n. 38, p. 1-31, 2023. DOI: https://doi.org/10.5418/ra2023.v19i38.15739

COLLINS, Patricia Hills. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019 [1990].

COSTA, Benhur Pinós da. Geografias das interações culturais no espaço urbano: o caso das territorializações das relações homoeróticas e/ou homoafetivas. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p. 207-224, 2010.

COSTA, Benhur Pinós da. Microterritorializações e microterritorialidades urbanas. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v. 11, n. p. 10-30, 2017.

COSTA, Benhur Pinós da. As geografias das constituições dos devires-expressivos das pessoas como diferenças: perspectivas de análise nas pesquisas em microterritorialidades. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 42, p. 90-114, 2020.

COSTA, Benhur Pinós da. Relações entre corpos e microterritorialidades: para além das restrições da identidade e da cultura e a defesa da produção de múltiplas singularidades. **Geograficidade**, Niterói, v. 13, n. 1, p. 4-20, 2023.

COSTA, Otávio José Lemos. A experiência do corpo e a circuambulação em lugares sagrados. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 56-70, 2021. DOI: https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2020.58733

COSTA, Tiago Rodrigues da; CAMARGO, Higor Luan Santos. Sankofa: Autonomeação e autodefinição no processo de reontologização de corpos africanos homens que se relacionam afetivo/sexualmente entre si. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, Curitiba, v. 13, n. 16, p. 245-258, 2021.

CUNHA, Andréia Ribeiro. Corpos indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Continentes**, Seropédica, n. 21, p. 230-250, 2022. DOI: https://doi.org/10.51308/continentes.v1i21.353

DAMASCENO, Jonatan; FRANK, Hélvio. "A mulherzinha vai escrever": autoetnografia corpolítica de uma masculinidade transviada na escola. **Revista Diversidade e Educação**, Rio Grande, v. 13, n. 2, p. 823-847, 2025. DOI: https://doi.org/10.63595/dedu.v13i2.19851

DÍAZ-BENITEZ, María Elvira. Bicha preta vive: sobre rotas e travessias para fugir da desesperança. **Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 41, p. 1-19, 2025.

Di CARVALHO, Vina. **Corposições cartografia das bicha**. 264f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2023.

DOMINGUES, Dandara Camélia da Silva; KAHHALE, Edna Maria Severino Peters. Corpo-Ruptura, autoetnografia e desobediência epistêmica nas vivências de uma trans-travesti na Academia. **Gênero**, Niterói, v. 25, n. 2, p. 199-227, 2025. DOI: https://doi.org/10.22409/rg.v25i2.65592

FERNANDES, Talita; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino. Rua, corporeidades e multipli-cidades: experiências de mulheres em situação de rua na cidade de Pelotas/RS. **Revista da ANPEGE**, Dourados, v. 17, n. 32, p. 195-216, 2021. DOI: https://doi.org/10.5418/ra2021.v17i32.12465

FILGUEIRA, André Luiz de Souza. Corpo-Navalha militante: em torno do preto-gay Jorge Laffond. **Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens**, Anápolis, v. 6, n. 2, p. 56-76, 2021.

FILGUEIRA, André Luiz de Souza. Ronkó de ensinanças e outras viadagens: a trajetória pedagógica afro-diaspórica bixa. **Revista**

Temporis[Ação], Cidade de Goiás, v. 2, n. 22, p. 1-30, 2022. DOI: https://doi.org/10.31668/rta.v22i02.13074

GUALDA, Suyai Malen García. Mujeres Mapuce, extractivismo y Kvme Felen (Buen Vivir): la lucha por los bienes comunes en Neuquén. **MILLCAYAC - Revista Digital de Ciencias Sociales**, Mendoza, v. 3, n. 4, p. 15-39, 2016.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geo-Grafias Negras & Geografias Negras. **Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)**, Curitiba, v. 12, Edição Especial: "Geografias Negras", p. 292-311, 2020.

HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, Niterói, v. 22, n. 48, p. 75-90, 2020. DOI: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2020.v22i48.a43100

HAESBAERT, Rogério. A corporificação "natural" do território: do territcídio à multiterritorialidade da terra. **GEOgraphia**, Niterói, v. 23, n. 50, p. 1-19, 2021. DOI: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2021.v23i50.a48960

HISSA, Cássio E. Viana; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. Cidade-Corpo. **Revista da UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p. 54-77, 2013.

JESUS, Jaqueline Gomes de; ALVES, Hailey. Feminismo transgênero e movimentos de mulheres transexuais. **Revista Cronos**, Natal, v. 11, n. 2, p. 1-12, 2012.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação:** episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 1, p. 27-43, 2004.

LENZI, Maria Helena; SILVA, Joseli Maria. 'Faço de conta que eu não existo e você faz de conta que não me vê': Geografias Lésbicas na Ditadura Militar em Florianópolis– SC, Brasil. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 114-152, 2018. DOI: https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.9.i2.0005

LIMA, Michel de Melo; SANTOS, Lais Alves do. Água, mulheres e territórios de uso comum no contexto da usina hidrelétrica de Belo Monte. **Revista GeoAmazônia**, Belém, v. 12, n. 24, p. 40-65, 2024. DOI: http://dx.doi.org/10.18542/geo.v12i24.15696

LIMA, Stalin Braga; SILVEIRA, Bruno Xavier. O corpo como espaço geográfico na criação de personagens: biografizações de jovens escolares. **Signos Geográficos**, Goiânia, v. 7, p. 1-21, 2025. DOI: https://doi.org/10.5216/signos.v7.82431

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, 2007.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. Tradução de Juliana Watson e Tatiana Nascimento. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, 2014.

MARTÍNEZ, Elkin Fabián. El cuerpo como territorio: una aproximación a las luchas antipatriarcales de las mujeres indígenas en Guatemala. **GénEroos**, v. 3, n. 6, p. 6-35, 2025.

MILANI, Patricia Helena. Contribuições da epistemologia feminista para as pesquisas geográficas. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Três Lagoas**, Três Lagoas, v. 1, n. 34, p. 125-150, 2021. DOI: https://doi.org/10.55028/agb-tl.v1i34.12991

MIRANDA, Eduardo Oliveira. Corpo-território, desenho e paisagem afro-brasileira: pode um corpo negro desenhar paisagens? **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, Grajaú, v. 4, n. 13, p. 62–75, 2018. DOI: https://doi.org/10.18764/2446-6549.v4n13p62-75

MIRANDA, Eduardo Oliveira. Rachar e despencar o corpo-território. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, São Gonçalo, v. 7, n. 1, p. 467–487, 2021. DOI: https://doi.org/10.12957/riae.2021.54972

MONDARDO, Marco Leandro. Corpos de mulheres indígenas frente às violências na América Latina: o território como r-existência e como corpo-território. **Espaço E Tempo Midiáticos**, Palmas, v. 5, n. 2, p. 87-106, 2022.

NASCIMENTO, Clesley Maria Tavares do; BARBOSA, Renata da Silva. Diversidade de corpos no estágio supervisionado: "A dor e a delícia de ser o que é". **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 60, p. 157-186, 2023. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2023.3195

NUNES, Diego Miranda. **A produção de masculinidades e socioespacialidades de homens que buscam parceiros do mesmo sexo no aplicativo Tinder em Rio Grande – RS**. 185f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Rio Grande, 2019.

OLIVA, Victoria Ferreira. Do corpo-espaço ao corpo-território: o que a Geografia Feminista tem a dizer? **Ensaios de Geografia**, Niterói, v. 8, n. 17, p. 165-187, 2022. DOI: https://doi.org/10.22409/eg.v8i17.52313

OLIVA, Victoria Ferreira; PÉREZ, Ginno; ROCHA, Willian Silva da. Dos movimentos e do corpo-território: gramáticas originárias para pensar as Geo-Grafias no/do feminino. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n. 59, p. 101-131, 2023. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2022.2922

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. Corpo, espacialidade e maternagem: Trilhas para uma geografia corporificada. **Revista da ANPEGE**, Dourados, v. 17, n. 32, p. 217–243, 2021. DOI: https://doi.org/10.5418/ra2021.v17i32.12472

OLIVEIRA, Arize Souza Fernandes; MACHADO, Mônica. Mais do que dinheiro: pink money e a circulação de sentidos na comunidade LGBT+. **Signos do Consumo**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 20-31, 2021. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.1984-5057.v13i1p20-31

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Por que você não me abraça? Reflexões a respeito da invisibilização de travestis e mulheres transexuais no movimento social de negras e negros. **Revista SUR**, São Paulo, v. 15, n. 28, p. 167-179, 2018a.

OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes de. Trejeitos e trajetos de gayzinhos, afeminados, viadinhos e bichinhas pretas na Educação! **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 9, p. 161-191, 2018b. DOI: https://doi.org/10.9771/peri.v1i9.25762

ORNAT, Marcio Jose. Do território instituído ao território instituinte do ser travesti: algumas reflexões teóricas e metodológicas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 75-88, 2010.

ORNAT, Marcio Jose. Espaços interditos e a constituição das identidades travestis através da prostituição no Sul do Brasil. **Revista latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 3, n. 1, p. 54-73, 2012.

PAGNAN, Redson. Espaço, gênero e identidade: a onipresença da masculinidade e a revolução das bixas transviadas. **Revista Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 13, p. 156-174, 2020. DOI: https://doi.org/10.9771/peri.v1i13.35209

PEDROSO, Mateus Fachin. Situacionalidade e interpretações: quantas geografias cabem em uma vida? **Revista latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 10, p. 66-78, 2019. DOI: https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.10.i2.0004

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira. Pegações e fugas de um geógrafo em diáspora. **GeoAmazônia**, Belém, v. 12, n. 23, p. 125-148, 2024a. DOI: http://dx.doi.org/10.18542/geo.v12i23.15437

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira. Sobre escrita ou aquilo que eu gostaria de dizer para estudantes que acumulam sobras e excessos. **Geofronter**, Campo Grande, v. 10, p. 1-21, 2024b. DOI: https://doi.org/10.61389/geofronter.v10.8506

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira. Experiências Bixas-Pretas na Geografia: entre as imagens de controle e as táticas de autodefinição. **PerCursos**, Florianópolis, v. 26, p. 1-32, 2025a. DOI: https://doi.org/10.5965/19847246262025e0504

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira. Fazer justiça com as próprias mãos: uma escrita geográfica corpo-territorializada como exercício de permanência. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 64, p. 279–317, 2025b. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2025.3787

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira. Percursos para uma Geografia Bixa e Preta ou a Geografia no limite entre razão e tesão. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 1, n. 48, p. 234-257, 2026.

PERES, Wiliam Siqueira. Biossociabilidade contemporânea e a expressão travesti. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, v. 1, n. 1, p. 8-17, 2002.

PERES, Wiliam Siqueira. Travestilidades nômades: a explosão dos binarismos e a emergência queering. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 539-547, 2012.

PETRONILIO, Paulo. "Se liga macho": A encruzilhada po(Ética) de uma bixa preta. **Ephemera Journal**, Ouro Preto, v. 3, n. 6, p. 94-114, 2020. DOI: https://doi.org/10.70446/ephemera.v3i6.4451

PETRONILIO, Paulo. Sou preto, sou gay, sou pretoguês: a escrita de si como performance. **Ephemera Journal**, Ouro Preto, v. 5, n. 10, p. 97-119, 2022. DOI: https://doi.org/10.70446/ephemera.v5i10.5397

PIMENTEL, Ivan Ignácio; SILVA, Jeziel Silveira; FERNANDES, Ulisses da Silva. As heranças da modernidade e a hiperssexualização do homem negro: o esvaziamento de si e o corpo como um espaço. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 16, n. 1, p. 172-196, 2025. DOI: https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.16.i1.0009

PINHO, Osmundo. Qual é a identidade do homem negro? **Democracia Viva**, n. 22, p. 64-69, 2004.

PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". Tradução de Cleiton Zóia Münchow e Viviane Teixeira Silveira. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

PRZYBYSZ, Juliana; SILVA, Joseli Maria. Pesquisar para transgredir: fazendo geografias feministas corporificadas. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 3, n. 42, p. 51-62, 2019.

RAMOS, Élvis Christian Madureira; MILANI, Patricia Helena. O corpo fora de lugar: de uma Geografia dos indivíduos para uma Geografia dos sujeitos. **GEOgraphia**, Niterói, v. 24, n. 52, 2022. DOI: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2022.v24i52.a51617

RATTS, Alex. Corpos negros educados: notas acerca do movimento negro de base acadêmica. **NGUZU: Revista do Núcleo de Estudos Afro-Asiáticos**, v. 1, p. 28-39, 2011.

RATTS, Alex. Negritude, masculinidade, homoerotismo e espacialidade em James Baldwin: uma leitura brasileira. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Espaço, Gênero & Masculinidades Plurais**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2011, p. 261-290.

RATTS, Alex. Corporeidade e diferença na Geografia escolar e na Geografia da escola: uma abordagem interseccional de raça, etnia, gênero e sexualidade no espaço educacional. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 46, p. 114-141, 2018. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2016.680

RATTS, Alex. A questão étnica e/ou racial no espaço: a diferença no território e a Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 104, p. 1-22, 2020.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. Prostituição de rua e turismo: a busca do prazer na cidade do Rio de Janeiro. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 53-65, 1998.

RIBEIRO, Miguel Ângelo. Dinâmica, espacialidade e relações homoeróticas: o exemplo da sauna de boys na urbe carioca. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 213-234, 2015.

RIBEIRO, Milton. "Eu decido se 'cês vão lidar com King ou se vão lidar com Kong": homens pretos, masculinidades negras e imagens de controle na sociedade brasileira. **Humanidades & Inovação**, Palmas, v. 7, n. 25, 118-134, 2020.

ROCHA, Ana Angelita. Corpo-Território como argumento curricular de resistência. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 59, p. 56-71, 2019.

RODRIGUES, Ana Paula Costa; RATTS, Alex. Corporeidade negra e espaço público em Goiás: a congada de Catalão (GO). **Espaço em Revista**, Catalão, v. 10, n. 1, p. 172-187, 2008.

ROSSINI, Rosa Ester. Geografia e Gênero: a mulher como força de trabalho no campo. **Informações Econômicas**, São Paulo, v. 23, p. 1-13, 1993.

SACAVINO, Susana. Tecidos feministas de Abya Yala: feminismo comunitário, perspectiva decolonial e educação intercultural. **Uni-pluri/diversidad**, Medelín, v. 16, n. 2, p. 97-109, 2016.

SILVA, Cíntia Cristina Lisboa da; SANTOS, Bruna dos. Reflexões teóricas da Geografia Feminista Decolonial sobre as espacialidades coloniais reprodutoras do controle social do corpo feminino durante o parto. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 57, 2021. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2021.2290

SILVA, Danillo da Conceição Pereira; SANTOS, Emilly Silva dos. Performances discursivas de uma "Bixa Travesty": sobre corpo, gênero e identidade em Linn da Quebrada. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 3627-3641, 2019. DOI: https://doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n2p3627

SILVA, Jônatas Reis da. **Entre a roça e a cidade:** lugaridades em trânsito nas experiências de homens gays. 97f. Dissertação (Mestrado em Estudos Territoriais) – Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Exatas e da Terra, Salvador, 2025.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. **Revista de História Regional**, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 31-45, 2003.

SILVA, Joseli Maria. A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade. **GeoUERJ**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 18, p. 1-17, 2008.

SILVA, Joseli Maria. **Geografias subversivas:** discursos sobre espaço, gênero e sexualidades. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

SILVA, Joseli Maria. Geografias Feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 39-55, 2010.

SILVA, Joseli Maria. 'Relatos de si': eu, a geografia e o indizível no campo científico. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 42, p. 173–189, 2020.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Dos espaços interditos à instituição dos territórios travestis: uma contribuição às Geografias Feministas e Queer. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n. 35, p. 53-72, 2010. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2010.417

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Corporeidade: sexualidades no mercado sexual transnacional sob o olhar eurocêntrico. **Geousp – Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 69-82, 2016. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2179-0892.geousp.2016.98302

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Geografias feministas na América Latina: desafios epistemológicos e a decolonialidade de saberes. **Journal of Latin American Geography**, v. 9, n. 1, p. 163-171, 2020. DOI: https://doi.org/10.1353/lag.2020.0019

SILVA, Matheus. **Corpo desembestado:** por uma instauração bufona-ciborgue-bixa. 286f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2021.

SILVA, Rafael de Lima; COSTA, Otávio José Lemos. Ressonâncias do sagrado: música, corpo e teoria translocacional na experiência das mulheres assembleianas em União dos Palmares-AL. PLURA: **Revista de Estudos de Religião**, v. 16, n. 2, p. 1-20, 2025.

SILVA, Susana Maria Veleda. Geografia e gênero/Geografia feminista- O que é isto? **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 104-110, 1998.

SIMON, Carolina Russo. Geografia para a saúde das pessoas: Um compromisso da AGB com o futuro. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n. 63, p. 267–293, 2025. DOI: https://doi.org/10.62516/terra_livre.2024.3665

SOUSA, Victor Pereira de. O corpo ao deformar as formas: provocações sobre a formação docente e o ensino de Geografia. **Pensar Geografia**, Mossoró, v. 8, p. 1-17, 2024.

SOUZA, Hortência Gomes de Brito; ORNAT, Marcio Jose. "Quem Vive na Margem não se Afoga Nessa Água": Geografias de Corpos e Espaços Bissexuais. **Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 13, n. 2, p. 145-166, 2022. DOI: https://doi.org/10.5212/Rlagg.v.13.i2.0008

TAVARES, André Luiz Bezerra; OLIVEIRA, Anita Loureiro de. De deslugarizada à endiabrada: discursos pessoais, políticos e poéticos acerca da preta-bixisse. **Revista Continentes**, Seropédica, vol. 11, n. 21, p. 182-200, 2022. DOI: https://doi.org/10.51308/continentes.v1i21.349

ULLOA, Astrid. Feminismos territoriales en América Latina: defensas de la vida frente a los extractivismos. **NÓMADAS**, Bogotá, n. 45, p. 123-139, 2016.

VEDOVATTO, Marjana; LIMA-PAYAYÁ, Jamille da Silva. Indígenas mulheres: Geograficidade e ancestralidade dos corpos-terra. **Geograficidade**, Niterói, v. 15, n. 1, p. 31-43, 2025.

VEIGA, Lucas. As diásporas da bixa preta: sobre ser negro e gay no Brasil. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 12, n. 1, p. 77-88, 2018. DOI: https://doi.org/10.35499/tl.v12i1.5176

ZARAGOCIN, Sofia. A geopolítica do útero: por uma geopolítica feminista decolonial em espaços de morte lenta. Tradução de Sislene Costa da Silva. In: HERNÁNDEZ, Delmy Tania Cruz; JIMÉNEZ, Manuel Bayón. **Corpos, Territórios e Feminismos:** Compilação latino-americana de teorias, metodologias e de práticas políticas. São Paulo: Elefante, 2023, p. 85-99.